

A Mangueira na sala de aula: deu samba!

*Patricia Bley de Oliveira*³¹

Resumo: Este trabalho é o relato de um projeto realizado na escola Cores Playgym, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, no bairro do Jardim Botânico, destinada a faixa etária de 1 a 5 anos, escola da rede privada que atende um público de elite e classe média alta. A escola, que segue primordialmente a linha do construtivismo piagetiano, tem adotado nos últimos três anos a sistemática de projetos pedagógicos para organizar o caminho a ser percorrido por cada grupo ao longo do ano. O projeto pedagógico da escola em 2013 versava sobre a cena musical do Rio de Janeiro e as histórias que ela conta sobre a cidade. No grupo Pré 2, o tema de trabalho escolhido foi a Mangueira e sua cultura, abrindo a possibilidade de tratar da temática da pobreza para essas crianças muito ricas, criadas em um universo elitista e alheio à realidade do nosso país e da nossa cidade. Através da obra do compositor Cartola, renomado sambista carioca e um dos fundadores da escola de samba da Mangueira, as crianças aprenderam sobre simplicidade, generosidade e poesia. Além disso, o trabalho musical sobre Cartola teve muitos desdobramentos, entre eles uma dinâmica que possibilitou a integração entre a música e as artes visuais. O conhecimento interdisciplinar construído ao longo deste projeto pelas crianças foi tão significativo que precisamos fazer uma exposição da obra completa “Alvorada na Mangueira” na entrada da escola. A instalação ficou em exposição até o final do semestre e passou a fazer parte da decoração da varanda da escola, sendo diariamente visitada por pais e alunos de todas as turmas da escola.

Palavras-chave: Mangueira; relato de experiência; cultura popular.

Resumen: Este trabajo es un relato de experiencia de un proyecto hecho en la escuela Cores Playgym, ubicada en la zona sur de Río de Janeiro, en el barrio de Jardín Botánico, destinada a niños de 1 a 5 años de edad. Es una escuela privada que atiende a estudiantes de élite. La escuela, que sigue la línea del constructivismo piagetiano, ha adoptado, en los últimos tres años, un sistema de proyectos pedagógicos para organizar el camino de cada grupo de niños por todo el año. El proyecto pedagógico de 2013 fue sobre la escena musical de Río y las historias que ella cuenta sobre la ciudad. En el grupo Pré 2 (4-5 años), el tema de trabajo escogido fue la Mangueira y su cultura, abriendo la posibilidad de abordar el tema de pobreza con esos niños muy ricos, creados en un universo elitista y aparte de la realidad de Brasil y de Río. A través de la obra del compositor Cartola, renombrado sambista carioca y uno de los fundadores de la escuela de samba de Mangueira, los niños aprendieron sobre la simplicidad, la generosidad y la poesía. Además, el trabajo musical a cerca de Cartola tuvo muchos desdobramentos, como una dinámica que ha logrado éxito en integrar la música y las artes visuales. El conocimiento interdisciplinar construido durante

³¹ Educadora musical graduada e pós-graduada pelo Conservatório Brasileiro de Música, com certificação em abordagem Orff-Schulwerk, pelo San Francisco Orff Course (2014). Participou do SF Orff Internship Program, na The San Francisco School (2014). Professora na Escola Britânica do Rio de Janeiro desde 2015. Foi professora na escola Cores Playgym (2011 a 2015). Cantora e percussionista dos grupos Rio Maracatu (2003 a 2009), Virimexe (2009 a 2011), Sereno da Madrugada (2005 a 2012) e Carrossel de Emoções (2012 a 2013). E-mail: tipsoliveira@gmail.com

este proyecto por los niños fue tan significativo que hemos necesitado hacer una exposición de la obra completa "Alvorada na Mangueira" en la entrada de la escuela. La instalación se quedó en exhibición hasta en fin del semestre y pasó a hacer parte de la decoración de la escuela, visitada diariamente por padres y alumnos de todos los grupos de niños.

Palabras clave: Mangueira; relato de experiencia; cultura popular.

Abstract: This work is the report of a project carried out at the "Cores Playgym" school, located in the South Zone of Rio de Janeiro, in the neighborhood of Jardim Botânico, destined to the age group of 1 to 5 years, school of the private network that attends a public of elite and upper middle class. The school, which is primarily the Piagetian constructivist line, has adopted in the last three years the systematics of pedagogical projects to organize the way to be followed by each group throughout the year. The school's pedagogical project in 2013 was about the music scene in Rio de Janeiro and the stories it tells about the city. In the Pre 2 group, the chosen theme was Mangueira and its culture, opening the possibility of dealing with the theme of poverty for these very rich children, raised in an elitist universe and oblivious to the reality of our country and our city. Through the work of composer Cartola, renowned samba singer from Rio de Janeiro and one of the founders of the Mangueira samba school, the children learned about simplicity, generosity and poetry. In addition, the musical work on Cartola had many developments, among them a dynamic that allowed the integration between music and the visual arts. The interdisciplinary knowledge built up during this project by the children was so significant that we need to make an exhibition of the complete work "Alvorada na Mangueira" at the entrance of the school. The installation was on display until the end of the semester and became part of the decoration of the school's balcony, being visited daily by parents and students from all classes of the school.

Keywords: Mangueira; report of experience; popular culture.

"A sorrir eu pretendo levar a vida, pois chorando eu vi a mocidade perdida."
(Cartola)

Este trabalho é parte de uma monografia de final de curso de pós graduação em Educação Musical. Trata-se do relato de um projeto realizado em uma escola situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, no bairro do Jardim Botânico, sendo destinada a faixa etária de 1 a 5 anos (Educação infantil). É uma escola da rede privada e atende um público de elite e classe média alta, tendo bastante recurso material e financeiro.

A escola, que segue primordialmente a linha do construtivismo piagetiano, tem adotado nos últimos três anos a sistemática de projetos pedagógicos para organizar o caminho a ser percorrido por cada grupo ao longo do ano. Existe sempre um "projeto mãe", como chamamos, em comum para todas as turmas da escola, porém cada professora vai escolher individualmente um tema para seguir com seu grupo de alunos, a partir de uma dinâmica que leve em conta aspectos de seu interesse e também a forma como as crianças vão responder ao que propõe a professora. O projeto pedagógico da escola do ano de 2013, *Rio Cantado*, versava sobre a tão diversa cena musical do Rio de Janeiro e as

histórias que esta conta sobre a cidade. A professora Lara, do grupo Pré 2 (4 a 5 anos), escolheu trabalhar com a Mangueira e sua cultura.

A Mangueira é uma enorme comunidade que fica entre dois bairros cariocas: Maracanã e Benfica. Lá reside uma população em geral de baixa renda. A favela da Mangueira tornou-se conhecida pela sua riqueza cultural, principalmente por conta da tradição do samba que lá floresceu. A Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, criada dentro da comunidade no ano de 1928 por alguns de seus principais sambistas, entre eles Cartola e Carlos Cachça, é uma das mais tradicionais e prestigiadas da cidade do Rio de Janeiro.

Desde o princípio, a ideia deste projeto já me agradou muito. A possibilidade de falar sobre a temática da pobreza e da diversidade cultural para essas crianças muito ricas, criadas em um universo elitista e de certo modo alheio à realidade do nosso país e da nossa cidade, me encantava.

Assim que foi apresentado às crianças, o tema provocou muita curiosidade e suscitou muitas indagações, provavelmente por se tratar de uma realidade tão diferente e distante da delas, como por exemplo: o que é uma favela? As pessoas moram na favela? As crianças também? O que tem lá? Como fazem para subir esse morro? Lá tem elevador? Onde fica a favela da Mangueira e por que ela é tão longe das nossas casas?

No intuito de seguir pelo mesmo caminho que a professora regente, optei por começar apresentando o compositor Cartola, principal baluarte e fundador da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, através de algumas de suas canções mais conhecidas.

Para as aulas iniciais planejei uma atividade com a música “Ensaboa Mulata”, tendo como principal objetivo trabalhar o canto coletivo, por acreditar que o vínculo afetivo e prazeroso estabelecido nos grupos em que se canta é forte e significativo. Cantando coletivamente aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo, desenvolvendo assim nosso espírito cooperativo e de coletividade. Os parâmetros musicais e sonoros, como timbre, afinação, ritmo, intensidade, andamento, também seriam trabalhados na atividade (BRITO, 2003).

O primeiro contato que o grupo teve com a música “Ensaboa, mulata” foi através de uma apreciação da versão original cantada pelo Cartola. A proposta foi uma escuta direcionada, chamando-se a atenção para a melodia, o ritmo e a letra da música. Quando a primeira audição da música chegou ao fim, Isabel fez a pergunta que me fez entender a importância e a dimensão que aquela atividade estava prestes a ganhar: “Patricia, o que é mulata?” Iniciou-se nesse momento uma rica conversa sobre as diferentes raças, as

misturas raciais e a vinda dos africanos que foram feitos escravos para o Brasil. Comparamos as peles de todas as pessoas do grupo e da equipe, e as crianças puderam verificar com base na observação empírica as várias possibilidades de cores de pele provenientes das misturas entre as raças. Várias perguntas, pensamentos e respostas começaram a ser formulados pelo grupo, que naquele momento não só participava de forma ativa do processo de ensino-aprendizagem como tinha acabado de sugerir um novo caminho para o projeto de música. Como consequência deste processo de construção de significados, eles demonstraram facilidade para aprender a letra e a melodia da música. Em apenas uma aula, após escutar e praticar algumas vezes a música “Ensaboa, mulata” através do sistema de escuta e reprodução (eco), o grupo já sabia cantá-la inteira.

Para a aula seguinte, havia planejado um trabalho de dança criativa e expressão corporal utilizando a música do Cartola, baseado numa pesquisa dos movimentos corporais das lavadeiras ao lavarem a roupa. Ao me aproximar da sala comecei a ouvir as crianças cantando a música “Ensaboa, mulata”. Achando aquilo impressionante, fiquei escutando um pouco do lado de fora para tentar entender o que se passava. Percebi então que estavam ajudando a Luciene, profissional de apoio da escola, a limpar e arrumar as mesas depois do lanche. Haviam compreendido e se apropriado, espontaneamente e sem ninguém ter ensinado, do caráter ritual presente nos cantos de trabalho.

Iniciei a aula perguntando se alguém tinha alguma ideia de por que as lavadeiras cantavam enquanto lavavam a roupa. Contei a eles sobre a rotina cansativa de trabalho das lavadeiras, que levavam as trouxas pesadas de roupa até o rio, muitas vezes longe dos lugares onde moravam, e passavam o dia inteiro ali, lavando as roupas que não eram suas nem de seus filhos, e sim de alguém que podia pagar para que elas lavassem sua roupa. Em seguida, distribuí as tinas e os tecidos, coloquei a música e deixei que brincassem livremente, cantando, dançando, se expressando e criando movimentos a partir daquela história. Enquanto observava e dançava junto com as crianças, eu me dava conta do quanto aquela atividade já tinha transcendido os limites da minha disciplina e do quanto as crianças já tinham se apropriado daquele conhecimento, e já produziam seus próprios significados a partir daquela experiência.

Na aula seguinte, estávamos na sala cantando e dançando com nossas tinas e panos quando as crianças notaram a Tânia, babá da escola, na porta arrumando as mochilas e cantando a música baixinho. De forma totalmente espontânea, perguntei a ela se lá em Pernambuco, onde nasceu, tem muitas lavadeiras. Ela disse que sim, e que cresceu convivendo muito com as lavadeiras em Salgueiro, sua cidade natal. As crianças se animaram e começaram a conversar com ela sobre o assunto, perguntaram se ela podia

mostrar como as lavadeiras faziam e ensinar alguma canção que cantavam. Ela se juntou a nós e começou a mostrar os movimentos de ensaboar, de torcer, de enxaguar e de bater a roupa. As crianças prestavam atenção e reproduziam os movimentos do seu jeito, incorporando-os à sua maneira de dançar.

O ato de dar forma à música é uma tentativa intencional de articular significado. Como professores, temos que questionar, para recordarmos disto. Nós permanecemos fiéis à música? Comportamo-nos sempre musicalmente, sensivelmente? Deixamos algum espaço para que os alunos encontrem e construam o significado por eles mesmos? (SWANWICK, 1993 p. 31-32).

Assistimos juntos alguns vídeos. Um em especial, que mostrava uma reportagem de um telejornal sobre um grupo de lavadeiras da cidade de Almenara, em Minas Gerais. Um músico conhecido da cidade convidou-as para formarem um coral do qual ele seria o diretor musical. Hoje em dia, elas viajam o mundo inteiro com o seu coral e já gravaram dois discos. Esta situação experimentada em sala de aula é um bom exemplo de como abordar o aprendizado sob a ótica do construtivismo, visto que a atividade se desenvolveu a partir da interação entre uma proposta inicialmente pensada e levada ao grupo por mim e a vivência, o conhecimento e a experiência estética produzida por eles a partir da proposta inicial. A teoria piagetiana do construtivismo postula que

a inteligência desempenha uma função adaptativa, pois é através dela que o indivíduo coleta as informações do meio e as reorganiza, de forma a compreender melhor a realidade em que vive, e nela agir, transformando-a. Portanto, para Piaget, a inteligência é adaptação na sua forma mais elevada, isto é, o desenvolvimento mental, em sua organização progressiva, é uma forma de adaptação sempre mais precisa à realidade (HAIDT, 2003 p. 35).

Através dos livros do Tequinho, coleção com dois volumes dos escritores Neuza Rodrigues e Alex Oliveira contando as aventuras de um menino morador de uma favela do Rio de Janeiro, conheceram também o universo do samba, a sua escola, os seus instrumentos e a sua tradição. Puderam entender, depois de muitas conversas, que na favela existe uma sabedoria tão valiosa quanto a que a gente aprende na nossa escola, só que diferente. Um dia, ao entrar na sala, encontrei um grupo de alunas inconformadas pedindo para que eu as levasse para ver o samba na quadra da Mangueira, já que as suas mães não queriam levá-las e afirmavam ser perigoso. Elas me perguntavam: “por que, Patrícia, é perigoso na Mangueira? Como pode ser perigoso se lá também tem crianças?”

O trabalho musical sobre o Cartola teve muitos desdobramentos, entre eles uma dinâmica que escolhi para compartilhar neste trabalho, que possibilitou a integração entre a música e as artes visuais.

Escutamos e cantamos a música “Alvorada” e o grupo, paralelamente às aulas de música, estava produzindo uma maquete do morro da Mangueira com a professora regente. Eles estavam muito curiosos sobre a Alvorada: seu significado, suas cores, e se perguntando o que teria de tão especial essa tal Alvorada na Mangueira. Durante uma aula na qual falávamos sobre o tema, uma aluna disse: “Patrícia, tive uma ideia! Já que estamos fazendo a maquete da Mangueira e sabemos pelo Cartola que a Alvorada lá é uma beleza, será que a gente não pode pintar uma Alvorada pra completar o cenário da nossa maquete?”

Iniciamos então uma minuciosa pesquisa sobre as cores que compunham a Alvorada. Através de vídeos, imagens e pinturas fomos descobrindo a composição que dava ao céu aquele colorido. Trabalhamos as cores e as suas misturas, utilizando as tintas como material.

É importante contextualizar que a escola estava oferecendo para a equipe uma formação em arte-educação com o artista plástico e arte-educador Hélio Rodrigues. Esta formação possibilitou uma transformação na minha compreensão sobre as funções da arte na educação, e sobretudo uma abertura de horizontes na possibilidade de trabalhar com as artes integradas. Compreendi que no final das contas os processos e os objetivos do trabalho entre a música e as artes visuais são profundamente semelhantes: só muda a matéria-bruta (veículo artístico) e o que se produz através do gesto. Nas artes plásticas, o gesto gera a forma, a cor, o desenho e, na música, o gesto origina o som.

O conhecimento interdisciplinar construído ao longo deste projeto pelas crianças foi tão significativo que precisamos fazer uma exposição da obra completa “Alvorada na Mangueira” na entrada da escola. A instalação ficou em exposição até o final do semestre e passou a fazer parte da decoração da varanda da escola, sendo diariamente visitada por pais e alunos de todas as turmas da escola, transbordando assim o aprendizado construído pelas crianças para além da sala de aula.

Através de Cartola e suas músicas, as crianças aprenderam sobre simplicidade, generosidade e poesia. Tenho convicção de que estas lições ficaram marcadas em cada um deles. Até hoje, principalmente quando há um conflito ou algum problema que gera tristeza, os vejo resgatar a figura do Cartola e lembrar que mais vale levar a vida a sorrir, pois no fim da tempestade o sol nascerá.

Referências bibliográficas

BRITO, Teca Alencar. *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FUCKS, Rosa. *O discurso do silêncio*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GOODKIN, Doug. *Play, sing & dance: an introduction to Orff Schulwerk*. Miami: Schott, 2004.

HAI DT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2003.

LÓPEZ-IBOR, Sofia. *Blue is the see: Music, Dance and Visual Arts*. São Francisco: Pentatonic Press, 2011.

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.